

NATAL

BELÉM. Noite escura. Trevas no mundo e nos corações. Anjos a cantar, anunciando a paz. Pastores a correr ansiosos de luz e de amor.

Um presépio rude. Uma manjedoura com uma criança reclinada e envolvida na pobreza duns panos.

NATAL. Encontro de Deus com o homem. Encontro tão íntimo e profundo que se identifica com ele. Deus é um homem na história. Mistério que nos esmaga na simplicidade e no amor.

Um dia novo na história do mundo — Nasceu o Salvador!

«Eu sou o bom Caminho, a Verdade e a Vida. Quem guarda minha palavra tem a vida

eterna. Está marcado um Rumo novo.

Agora, cada coração é um presépio, cada homem uma presença de Cristo.

A escuridão clarificou-se, as trevas dissiparam-se. Os Anjos são todos os homens anunciadores da Boa Nova na sua carne, na sua vida e na sua palavra.

Os Pastores são os famintos da verdade e da justiça, que andam à procura de Deus, talvez sem o saber.

NATAL. Esperança e Amor.

Quebraram-se as cadeias da escravidão do pecado. Até a morte ficou clarificada com a vitória da Ressurreição.

Não há ninguém pequeno diante do presépio. Tudo ficou engrandecido. Deus é nosso irmão: do pobre, do faminto, do pecador, do escravo, do oprimido...

Também não há ninguém grande diante dum Deus que escolheu para seu berço uma manjedoura, no meio de animais.

(Continua na pág. 3)

Como conhecer Jesus

Era ainda criança. Aproximava-se o Natal. Já se faziam os presépios. Era uma azáfama para os miúdos. Uns a comprar, outros a abrir as caixas e os cestos dos outros anos, para tudo montar.

Está pronto! Que alegria!

À noite quando o pai chega do trabalho, eu vou com asas nos pés a correr, dar-lhe a grande notícia e pedir-lhe para vir ver. Ele aproxima-se e a minha mãe também aparece.

Entramos os três na sala.

Meu pai toma um aspecto grave e sério, e pergunta-me: — Sabes o que é o presépio e Quem é o Menino Jesus?

Eu como que interrompi a minha grande alegria e fiquei a pensar sem saber o que havia de dizer...

— Olha, diz o meu pai, o Menino Jesus é uma Prenda do Pai do Céu.

O Menino Jesus é pequenino. Há-de crescer e quando for grande, há-de ensinar que todos somos irmãos e que todos devemos ser amigos uns dos outros — Que não devemos ter ódio nem ganâncias, nem fazer guerras.

Sabes um segredo: o Menino Jesus ainda é mais teu amigo, que o paizinho e a mãezinha...

...E eu naquele dia, encontrei Jesus no coração do meu pai!...

CRÓNICAS FIGUEIROENSES

COMO SOBREVIVER?

(Continuação da página anterior)

Creio que pela instituição, no futuro, da Carteira Profissional, apenas concedida a quem, de início, escolheu e se preparou para o exercício profissional do Comércio, se resolveria o problema que focámos na última Crónica.

O mesmo se poderá dizer das carreiras de medicina, magistratura, engenharia, militar, enfermagem, funcionalismo público, dos Correios, Caminhos de Ferro, etc..

Quanto aos quadros superiores de gestão de empresas industriais e comerciais, a sua preparação competiria às Escolas e Institutos Superiores e os de mão-de-obra laboral e de carteira, especializados, aos liceus e escolas industriais e comerciais, a criar em número suficiente e a pôr em funcionamento na área da Nossa Região, o que daria lugar à abertura de mais alguns postos de trabalho de que carece.

No que se refere a Artes e Ofícios — pedreiros, carpinteiros, pintores, alfaiates, sapateiros, serralheiros, mecânicos, barbeiros, etc. — ignoro o seu número mas penso não mentir se afirmar que deve ser inferior ao existente antes da Segunda Grande Guerra porque, no tempo decorrente, são poucos os jovens que desejam aprendê-los e, depois, exercê-los profissionalmente.

Preferem uma formatura superior ou secundária, o que é, perfeitamente, humano mas, sobre o ponto de vista económico e distribuição do trabalho, contra indicado.

Sobre este assunto, de relevante importância económico-social e, portanto, política, declaro, com sinceridade interior e não de fachada, para armar ao pingarelho, o seguinte: se fosse casado e tivesse filhos, não me pouparia a sacrifícios para lhes dar um curso secundário ou superior se eles revelassem qualidades de inteligência, aplicação, atenção e zelo nos estudos, conquistando, assim, o direito ao meu sacrifício e alimentando a esperança de que a Pátria e a Grei poderiam contar com professores primários, guarda-livros, funcionários públicos e particulares, operários especializados, enfermeiros, empregados dos correios, dos Bancos e transportes, actores, actrizes, pintores, músicos, arquitectos, engenhei-

ros, magistrados, advogados, médicos, ministros, etc., moral, cultural e profissionalmente, preparados convenientemente, para o exercício da sua função e dignificação da sua pessoa. A não ser, assim, eu preferia que os meus filhos, em vez de maus professores, funcionários, médicos, engenheiros, etc., etc., fossem, antes, bons pedreiros, carpinteiros, sapateiros, mecânicos..., com a vantagem, não usufruída pelos diplomados, de, perante a impossibilidade de colocação no seu País, conseguí-la em qualquer outro estranho, ainda que tivesse de ser na China ou no Japão. Não foi isso, precisamente, que se registou, na década dos anos 60, com a emigração, em massa, de trabalhadores rurais e artífices portugueses, para países desenvolvidos da Europa Central, especialmente a França. E quantos diplomados desempregados ou insuficientemente remunerados, tentaram a emigração? Exemplifiquemos com o meu caso pessoal. Fui professor primário oficial, missão que exerci com dedicação, apaixonadamente, mesmo, num período

de 45 anos (de 1919-1964). Mas suponhamos que, por ser funcionário indesejável, o meu Patrão (e não tinha outro) me despedia do serviço. Em que país do Mundo me podia apresentar e ao meu diploma, pedindo colocação? Certamente, que em nenhum pois o meu diploma só tinha validade no meu País e eu não estava preparado para o exercício de outra profissão. A ter-se dado esta hipótese que momentos de amargura me estariam reservados? Ora, os trabalhadores rurais, os operários e artífices têm, pagando o prémio com o seu expatriamento voluntário, uma apólice de seguro contra aquele acidente. Era, precisamente, esta apólice de que não dispunha nem o meu diploma me podia garantir.

Termino estas palavras com um conselho amigo aos Pais Portugueses, que é o seguido pelos Pais práticos de países de civilização adiantada, tais como a Alemanha, França, Estados Unidos da América e outros: que, em vez de preferirem que os seus filhos sejam maus professores, maus engenheiros, maus médicos... sejam, antes, bons pedreiros, bons mecânicos, bons alfaiates... para maior bem-estar e felicidade de filhos e Pais.

José Rodrigues Dias

Eleições para as Autarquias locais

NO PAÍS

Resultados finais

Partido Socialista — 691 mandatos — 115 Presidências de Câmara — 33,24%;

Partido Social Democrata — 623 mandatos — 115 Presidências de Câmara — 24,27%;

Frente Eleitoral Povo Unido — 267 mandatos — 37 Presidências de Câmara — 17,69%;

Centro Democrático Social — 317 mandatos — 316 Presidências de Câmara — 16,61%.

CÂMARA MUNICIPAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Eleições

Eleitores inscritos — 6 772; Votantes — 4 431; Brancos — 60; Nulos — 131; P. P. D./P. S. D. — 1.789 — 2 mandatos; C. D. S. — 1.386 — 2 mandatos; P. S. — 992 — 1 mandato; F. E. P. U. — 71 — 0 mandatos.

Em face dos resultados, foi eleito **Presidente da Câmara** o sr. José Simões de Abreu, — do P. P. D./P. S. D. — a quem felicitamos e auguramos um bom trabalho em favor dos nossos povos.

Fazem também parte da Câmara Municipal os seguintes senhores:

Antero da Conceição Barreiros — C. D. S.; José Guerreiro Machado — P. S.; Eng.º Manuel Casimiro Godinho — P. P. D./P. S. D. e António Marques Boavida — C. D. S..

Parabéns a todos os eleitos e que cumpram o que prometeram.

Eleições para a Assembleia Municipal de Figueiró dos Vinhos

Eleitores inscritos — 6 772; Votantes — 4 432; Brancos — 104; Nulos — 131; F. E. P. U. — 149 votos — 0 mandatos; P. P. D./P. S. D. — 1 800 votos — 4 mandatos; C. D. S. — 1 222 votos — 2 mandatos; P. S. — 1 026 votos — 2 mandatos.

Foram eleitos para a Assembleia Municipal os seguintes senhores:

João Simões Rodrigues — P. P. D./P. S. D.; António Simões Marques — C. D. S.; Dr. Fernando Manuel Conceição Manata — P. S.; Maria Manuela Herdade Santos Lucas — P. P. D./P. S. D.; Artur Coelho Antunes — C. D. S.; José da Conceição — P. P. D./P. S. D.; José Lopes do Rego — P. S. e José da Conceição Simões — P. P. D./P. S. D.

Felicitações e felicidades.

NOTÍCIAS REGIONAIS

Estrada do Espinhal

PELO CASAL

Faleceu, no dia 29 de Novembro p. p., o sr. António Simões da Silva, de 67 anos, solteiro.

O extinto era filho de Manuel Simões e de Maria das Dores, também já falecidos.

Era também irmão do sr. Joaquim Simões da Silva, de Vilas de Pedro.

A todos os familiares os nossos pêsames.

POR VILAS DE PEDRO

No dia 31 de Outubro, casou, em Figueiró dos Vinhos, a menina Deonilde Henriques dos Santos, filha dos srs. Anselmo dos Santos Godinho e D. Ilda Henriques Pereira, com o sr. Rui Manuel Amaro, de Cernadas-Coentral, filho dos srs. Manuel Bernardo Amaro e de D. Laurinda Isabel Amaro.

Parabéns.

— No dia 10-12-76, faleceu nesta povoação, a sr. D. Silvina das Dores, de 80 anos, casada com o sr. Casimiro da Silva Vinhas.

A saudosa extinta era mãe de D. Preciosa Henriques Vinhas, casada com o sr. Joaquim Simões Ribeiro, do sr. Joaquim Henriques Vinhas, casado com D. Maria de Jesus Pedro, residente no Brasil e de D. Eduarda Henriques Vinhas, casada com o sr. Amaro Simões Abreu.

A todos os familiares os nossos sentimentos.

PELA ALDEIA FUNDEIRA

No dia 21 de Novembro findo, teve lugar, em Figueiró dos Vinhos, o casamento da menina Maria de Fátima Lopes Martins, de Aldeia Fundeira-Campelo, filha do srs. José Martins e de D. Izília Lopes Martins, com o sr. Fernando António Dinis Fernandes, de Moita-Castanheira de Pera, filho dos srs. Manuel Nascimento Fernandes e de D. Matilde Dinis Fernandes.

As nossas felicitações.

POR LISBOA

No dia 17 de Outubro p. p., no Mosteiro da Madre de Deus, em Lisboa, realizou-se o casamento da menina Maria de Fátima dos Santos Arinto, filha dos srs. Joaquim da Conceição Arinto e de D. Maria de Lurdes dos Santos Arinto, naturais desta Freguesia de Campelo, com o sr. Manuel de Loureiro Gabriel, natural de Viseu, filho dos srs. José Gabriel e de Isméria Loureiro Gabriel.

Foram padrinhos da noiva, seus tios, D. Aura Martins dos Santos Lourenço e Manuel dos Santos Martins e por parte do nubente, os seus irmãos, D. Ermelinda Cardoso Gabriel e Fernando Loureiro Gabriel. Bom futuro!

POR CAMPELO

Resultados das eleições para Assembleia de Freguesia

Inscritos — 656; Votantes — 437; Brancos — 11; Nulos — 19; C. D. S. — 84 votos — 1 mandato; P. P. D./P. S. D. — 120 votos — 2 mandatos; P. S. — 203 votos — 4 mandatos.

A Assembleia de Freguesia fica, assim, constituída pelos seguintes senhores:

José da Costa Simões — P. S.; José da Conceição Relvas — P. P. D./P. S. D.; José Tomás Pedro — P. S.; José Francisco dos Santos — C. D. S.; Mário Nunes — P. S.; Anibal de Jesus Martinho — P. P. D./P. S. D.; Luciano Henriques Pedro — P. S.

Saudamos todos os eleitos e esperamos que cumpram o melhor possível.

PELA AGUDA

Assembleia de Freguesia

Inscritos — 1399; Votantes — 902; Brancos — 8; Nulos — 21; P. S. — 256 votos — 3 mandatos; P. P. D./P. S. D. — 323 votos — 3 mandatos; C. D. S. — 295 votos — 3 mandatos.

A Assembleia de Freguesia fica com os seguintes membros:

Mário Mendes — P. P. D./P. S. D.; Rogério Simões Carvalho Abreu — C. D. S.; António José Afonso Pais — P. S.; António Simões da Silva — P. P. D.; Avelino António Rosa — C. D. S.; António Antunes da Assunção — P. S.; António Marques — P. P. D./P. S. D.; Alcides da Conceição Freire — C. D. S.; Adelino de Jesus Freire — P. S.

PELA AREGA

Eleições para a Assembleia de Freguesia

Inscritos — 1.093; Votantes — 684; Brancos — 12; Nulos — 22; C. D. S. — 197 votos — 5 mandatos; P. S. — 194 votos — 4 mandatos; P. P. D./P. S. D. — 259 votos — 0 mandatos.

N. B. — A lista do P. P. D./P. S. D. para a Assembleia de Freguesia foi considerada nula perante a Lei, pelo Juiz da Comarca de Figueiró dos Vinhos. Pelo que, embora vencedora, não foi considerada para o preenchimento de mandatos. Sabemos que foi interposto recurso.

Não damos os nomes dos mandatos até que saibamos a decisão última dos Tribunais.

POR FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Assembleia de Freguesia — Eleições

Inscritos — 3.624; Votantes — 2.410; Brancos — 66; Nulos — 64; P. S. D./P. P. D. — 1097 votos — 5 mandatos; P. S. — 638 votos — 2 mandatos; C. D. S. — 545 votos — 2 mandatos.

Os senhores eleitos são os seguintes:

Álvaro dos Santos Lopes — P. P. O./P. S. D.; José de S. José Simões — P. S.; Basílio Ribeiro Moutinho — P. P. D./P. S. D.; Ivo de Araújo Lacerda — C. D. S.; Ma-

Amigos do Jornal

Até 12 de Dezembro recebemos os seguintes pagamentos de assinaturas:

200\$00 — do sr. dr. Alberto Teixeira Forte — Figueiró dos Vinhos.

100\$00 — dos srs. Vitorino dos Santos Costa — Lisboa; Sérgio de Matos Varandas — Cacém; Manuel Maria Martinho — Meirinha; Manuel Pereira Mendes — Lisboa e Alfredo David Campos — Figueiró dos Vinhos.

50\$00 — dos srs. Domingos da Conceição Pereira — Catujal; José Francisco — Ribeira Velha; Joaquim do Rosário Vaz — Lisboa; Jaime Rodrigues Rosa — Alge; Armando Rodrigues — Lisboa; Mário Francisco Antunes — Cacém; Albino dos Santos Godinho — Portela da Aldeia Fundeira; Alice Rosa Pereira — Carregal Fundeiro e José Antunes Neto — Lisboa.

40\$00 — dos srs. Manuel Simões Silva — Vale do Vicente; António Simões Ribeiro — Figueiró dos Vinhos; Natalina da Piedade Martins — Peralcovo e José dos Santos — Trespostos.

CONTAS

Gasto (inclusivé o n.º 74) 128 574\$20
Recebido 130 180\$80
Saldo positivo 1 606\$60

nuel Loja Nunes — P. P. D./P. S. D.; Fausto Henriques Fernandes — P. S.; Idalino da Silva Lucas — P. P. D./P. S. D.; Franklin dos Santos Godinho — C. D. S.; Isidro Maria da Conceição — P. P. D./P. S. D.

Igreja de Campelo

Rectificação — Saiu errada a verba já gasta com a pintura da Igreja. Tínhamos escrito 73 564\$70, que saiu errado na composição, e errado ficou na revisão de provas, que não foi feita, por lapso dos tipógrafos.

Pagámos, entretanto, mais 1.335\$ ao sr. Mário Ventura, pelo arranjo da Via-Sacra e 1.300\$ à Dilac de Coimbra. Falta ainda revisão no telhado e caiação.

Total gasto — 75 029\$70.

POR CASTANHEIRA DE PERA

As eleições para a Câmara deste Concelho deram como vencedora a lista do P. S. com 1.467 votos. O P. P. D. teve 712 votos. A F. E. P. U. — 189 votos. Dos 3.796, votaram 2.531.

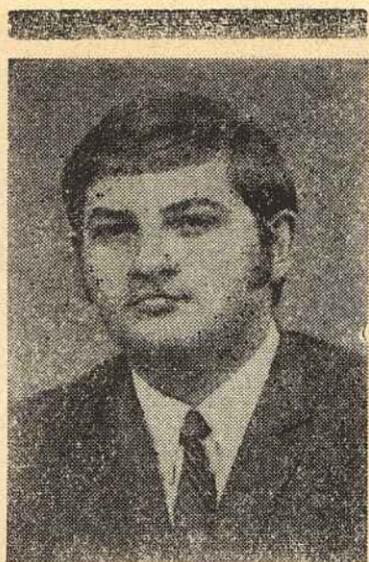
Será Presidente da Câmara o sr. Júlio da Piedade Nunes Henriques, do P. S.

POR PEDRÓGÃO GRANDE

O Presidente da Câmara será o sr. Mário Coelho Fernandes, do P. P. D.; o P. P. D./P. S. D. elegeu mais três vereadores. O P. S. elegeu um.

Dos 4.735 eleitores inscritos, votaram só 2.495.

Resultados: P. S. D./P. P. D. — 1.544; P. S. — 524; C. D. S. — 233 e F. E. P. U. — 75.



Vitor Abílio Ladeira Santos Costa

1.º Ano de dor, que não acaba, e profunda saudade que não finda, querido Filho!

Faz um ano que nos deixastes, a teus padrinhos, noiva, tios e prima. E parece que ainda não conseguimos acreditar.

É com enorme dor e profunda saudade que te recordamos, porque nunca poderemos esquecer como eras bom e tão nosso amigo. Eras a nossa Alegria e Felicidade.

Mandamos rezar missa no dia dois de Janeiro, pelas doze horas, na igreja de S. Francisco de Paula (Janelas Verdes), rogando a Deus o teu eterno descanso.

Agradecemos desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Adeus querido Filho até um dia.

Há dois anos que se encontra pronto o troço da Estrada que liga o Pé de Janeiro (Freguesia de Campelo), com a Vila do Espinhal.

Entretanto foi prometida a participação do restante, até Castanheira de Pera, para o ano que vem, 1977.

Esta estrada é de grande valor para toda a região, por facilitar a ligação entre Castelo Branco e Coimbra, e os respectivos aglomerados populacionais dos seus concelhos, especialmente por se tratar de uma estrada menos acidentada

que aquelas que facilitam actualmente a mesma ligação.

Uma Brigada de quatro técnicos da Satopel, Sociedade Aerotopográfica, Ld.ª de Lisboa, tem estado hospedada em Figueiró dos Vinhos, com a missão de promover o levantamento topográfico final, para depois se poderem dar início às obras da construção total da almejada Estrada do Espinhal.

Lembramos que falta abrir apenas cerca de 10 kms. de estrada.

Oxalá que tão desejada obra se comece ainda em 1977.

Festas da Feira de São Pantaleão de 1976

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

	Balancete	
RECEITA		
Bilhetesiras	78 072\$50	
Bares	84 272\$10	
Quermesse (Conferência de S. Vicente de Paulo) ..	5 700\$00	
Venda de diversos produtos obrantes dos Bares	4 247\$90	
Painéis de propaganda	27 700\$00	
Dádivas	500\$00	
DESPESA		
Teatro (dia 25)	—\$—	
Rancho Folclórico (dia 26)	6 300\$00	
Variedades (dia 27)	23 000\$00	
Variedades (dia 28) c/ artistas de Figueiró	—\$—	
Conjuntos Musicais	9 000\$00	
Tipografias (propaganda e bilhetes)	6 830\$50	
Sociedade Portuguesa de Autores	1 769\$00	
G. N. R.	2 160\$00	
Outros impostos	1 314\$00	
Abastecimento de bares e pagamento a cozinheiras	56 466\$10	
Montagem de barracas e palco	3 462\$50	
Gratificações a Motoristas em serviço	750\$00	
Deslocações a Leiria e vice-versa em camioneta alugada com o Grupo de Teatro do «Orfeão de Leiria e despesas apresentadas pelo mesmo	5 343\$00	
Telefonemas, selos do correio e impressos	117\$50	
Verba retirada para aquisição de cadeiras com vista a organização para futuras festas	5 000\$00	
	200 492\$50	121 532\$60
SALDO LÍQUIDO		78 959\$90
Distribuição		
Associação Desportiva (20%)	15 792\$00	
Conferência de S. Vicente de Paulo (20%)	15 792\$00	
Filarmonia Figueirense (20%)	15 792\$00	
Associação H. Bombeiros Voluntários (40%)	31 583\$90	
TOTAL		78 959\$90

A COMISSÃO

A NAU PORTUGAL

Gil Eanes dobra o Cabo Bojador
E desfaz a Lenda do Mar Tenebroso,
Com monstros e estado ebulicoso,
Que marinheiros enche de terror.

E Cão descobre o Zaire, sem temor;
Bartolomeu, o Cabo Tormentoso
E Gama, em vida do Rei Venturoso,
Aporta à Índia, triunfador.

Outro Eanes toma, nas mãos, o Leme
Da Nau Portugal, com Fé que não treme,
Embora o Mar seja assaz proceloso.

A Nau vai partir, cheia de ardor,
Em busca da Índia da Paz e Amor
P'la rota, qual Gama, do Cab'sp'rançoso.

Lisboa, 12 de Julho de 1976.

José Rodrigues Dias



Santas noites nos dê Deus, compadre Zeferino. Então que tal?... As castanhas fizeram-lhe mal?

— Ele não, compadre!... Nem a pinga. Olhe que ainda aqui tenho no garrafão para molhar-mos o bico.

— Sabe que o Zé da Serra ficou contente de aqui cantarmos as cantigas à pinga, mas ficou descontente por lhe terem falsificado uma rima.

— Também dei por isso ao ler o nosso jornal. Isto agora é um problema com as falsificações. Ora vejam lá até os tipógrafos já pisam o risco. Decerto era algum ainda novato e ainda troca sonho por amor!...

Pois aqui vai a verdadeira rima, da sextilha falsificada:

O vinho é santa bebida
Que dá alegria à vida
E faz rir o mais tristonho;
É o vinho que aquece
Uma alma que arrefece
Ao ver desfeito o seu sonho.

— Há!... agora sim. Que nos desculpe o Senhor Zé da Serra.

— Sabe compadre? hoje vamos cantar outra cantiga muito interessante, mas primeiro vamos molhar a boca.

Ela aí vai tal qual eu a ouvi no meu rádio:

O Povo tem as costas largas
O povo é que paga tudo!
Transporta pesadas cargas
Como se fosse veludo!...

E esta? Eim!...

— Bela, muito bela! Parece que contém grandes verdades, não é?

— É mesmo! Parece-me que costuma ser cantada pelo Frei Vicente. Pelo menos a voz é tal qual a dele.

Tenho andado a magiar nesta cantiga e meteu-se-me de tal maneira nas orelhas que durmo e acordo com esta música, ou melhor, com estas letras e estas verdades sa torturarem-me a paciência. Tenho feito uma meditação constante sobre o realismo desta cantiga!

— Então explique lá isso.

— Aqui vai: Quando vejo e ouço falar no Povo, que o povo está despolitizado, que o povo

exige a reforma agrária, que o povo quer o socialismo, que o Povo quer a tal sociedade sem classes, edecetra, logo vejo que os políticos todos se defendem com a palavra POVO, porque O POVO TEM AS COSTAS LARGAS!

Quando leio nos jornais as variadíssimas e constantes viagens de ministros, secretários, directores, jornalistas, e as respectivas senhoras, por esse mundo fora; quando vejo a miséria de certos programas de televisão, as inconveniências de tantos programas de rádio; os relatos dos prejuízos de certas empresas estatizadas; os partidarismos de certa imprensa nacionalizada; a propaganda de filmes e artistas vindos dos lados do paraíso vermelho; o indecente facciosismo de certos intervenientes em mesas redondas, edecetra, etc., etc., fico com a certeza de que O POVO É QUE PAGA TUDO.

Mas, apesar de ver o dinheiro a valer cada vez menos, o bacalhau a fugir cada vez mais das suas mesas, e os especuladores e ladrões a aumentarem de número, apesar de sentir a barriga cada vez mais apertada, e a luzir-lhe o olho ao ver na televisão a reportagem de bons banquetes onde nada falta, o Povo, levado dum raio de Esperança, TRANSPORTA PESADAS CARGAS COMO SE FOSSEM VELUDO.

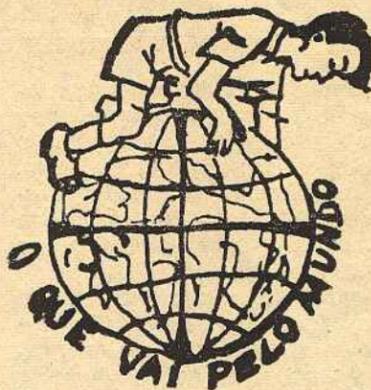
— Lá isso é verdade, compadre, mas o que havemos de fazer? Já estamos há muitos anos fartos de ser enganados nas promessas que nos fazem. Antigamente só se olhava para o Povo quando havia as tais eleições duma só lista. Agora fala-se a toda a hora no Povo, mas, o Verdadeiro Povo, aquele que ainda trabalha sem feriados e sem horário, o Povo que ainda acarreta para as praças as couves e os nabos, as batatas e as nozes, o azeite e o vinho... esse Povo ainda está na mesma: tudo o que compra é caro e tudo o que vende é barato. Mas o nosso Povo sabe esperar porque a esperança é uma virtude Teologal, e o nosso Povo acredita firmemente em Deus, e é o que lhe vale.

— Também tenho a mesma opinião, compadre. Estou certo que nem o esvozejar daqueles que não são povo, nem as mentiras dos que nos querem dar um paraíso sem Deus, hão-de vingiar nesta terra que desde há séculos se chama Terra de Santa Maria.

— Também tenho essa esperança. Contudo, esteja o compadre certo de que não há Páscoa sem Sexta-Feira Santa. Vamos apertando o cinto e vamos expiando os pecados que não são nossos. Não foi o Povo que criou esta situação.

Então adeus, compadre.

O povo tem as costas largas...



O Embaixador de Portugal em Luanda deve ser nomeado em breve.

13 002 condutores foram autuados pela P. S. P. durante o mês de Novembro. No mesmo período, os serviços do «115» foram solicitados 2.191 vezes; foram efectuadas 883 capturas e detenções, e recebidas 884 participações por roubos de viaturas.

Estudantes estrangeiros, precisamente 66, provenientes de 15 países, frequentam, até 30 de Maio de 1977, na Faculdade de Letras de Lisboa, um curso sobre Língua e Cultura portuguesas.

Novo desenho gigantesco foi descoberto na planície de Signas, no planalto peruano-boliviano, por investigadores da Universidade de San Agustín. Tem 60 metros de comprimento e 30 de largura e parece representar um manto.

Batido o record mundial de voo de rolha de garrafa de champagne; o feito foi cometido em La Habra, Califórnia, por Garz P. Mahan: 31,36 metros.

Uma italiana, de 28 anos, deu à luz em Nápoles, seis filhos — quatro raparigas e dois rapazes. Os quatro sobreviventes, pois dois morreram, pesam 700 gramas cada um.

O Padre Mittelberger, de 80 anos, da Congregação do Espírito Santo, e o missionário mais antigo da diocese de Lubango (Sá da Bandeira) foi recentemente agraciado por Paulo VI, com a medalha pro Ecclesia et Pontífice, pelos seus trabalhos de investigação etnográfica e científica naquela zona de Angola.



Meus amigos,

Depois da chuva abundante que caiu, vamos aproveitar o tempo, acabando de semear os trigos seródios, as favas, ervilhas, forragens ou pastos, e aproveitemos os baguinhos da azeitona, porque o azeite vai ser mais caro que no ano passado. Também se recomenda o cuidado com os vinhos em adega. Parece que no ano corrente, há muitos vinhos fracos por ter sido feita a vindíma a chover.

Vamos também plantando umas couvinhas. Os alhos pelo Natal já devem ter bico de pardal.

Nos jardins:

Podar as roseiras, plantar alfazemas e alecrim, semear saudades, bonadias, goivos e manjericos.

DOCES DE NATAL

FATIAS DOURADAS

Corta-se fatias de pão de véspera da grossura de 1 centímetro, tira-se-lhe a còdea, mistura-se um pouco de vinho do Porto com água e açúcar, passa-se nesse mólho as fatias de pão deixando-as escorrer bem. Em seguida passam-se em gemas de ovos. Faz-se calda em ponto de fio branco e quando ferver deita-se-lhe as fatias que se deixam passar bem na calda. Tiram-se com a escumadeira e arrumam-se num prato.

BOLO «FELIZ NATAL»

Açúcar, 5 colheres de sopa; Farinha, 5 colheres de sopa; Fermento, 1 colher de sopa; Ovos, 5.

Batem-se as gemas com o açúcar, quando estiverem bem batidas junta-se-lhe as claras em castelo e a farinha peneirada e já misturada com o fermento. A farinha junta-se à massa sem bater envolvendo levemente. Coze-se em forno de calor regular, em forma bem untada e polvilhada de farinha. Quando frio corta-se a meio e recheia com o seguinte creme.

Creme: — açúcar, o peso de 3 ovos; — ovos, 3; — vinho do Porto, 1 cálice.

Leva-se o açúcar a fazer ponto, deixa-se arrefecer um pouco e deitam-se as gemas bem batidas, volta ao lume para as gemas engrossarem e depois de arrefecer um pouco volta novamente ao lume para dar uma leve cozedura às

claras batidas em castelo que se misturam assim como o vinho do Porto. Por cima do bolo cobre-se com glace real e as letras (Feliz Natal) são feitas em chocolate derretido com seringa de bico fino.

N. B.: glace real é composta de 1 clara de ovo para 250 gramas de açúcar e um pouco de sumo de limão. Bate-se a clara, juntando o açúcar pouco a pouco.

CORRER PARA ONDE?

Quem estará a provocar a corrida do progresso, da evolução e da revolução?

A violência, o seu maior mal, é ser comandada pelo ódio, quando devia ser pelo amor... que torna tudo grande e belo no mundo.

Quando o Comunismo for livre — nem oportunista, nem mercenário, escolhido livremente com consciência de que todos os homens são iguais, irmãos — chegou o Reino de Cristo — porque é sinal de que o homem venceu o egoísmo, o comodismo e a fome desenfreada dos bens deste mundo e aprendeu a repartir pelos irmãos.

«Os homens viveram muitos anos lado a lado. Agora já estão a compreender que devem viver unidos. Vamos ensiná-los que devem viver uns para os outros».

(R. Follereau)



RIA... SE QUISER!

— Eu queria comprar um macaco — diz o freguês.

— Escolha deses que estão na montra — replica o empregado.

— Eu quero um macaco vivo.

— Ah! Então espere... eu chamo o patrão.

*

— Meu filho, olha que os teus estudos ficam-me muito caros.

— Pois olha que eu sou dos que estudam menos lá na escola. Que faria se eu estudasse...

— Oiça lá ó palerma — diz um turista a um acanhado camponês — nasceu nesta terra algum homem grande?

— Não, senhor.

— Como é possível uma coisa dessas? Ouvi dizer...

— Pois se ouviu dizer... mentiram-lhe! Aqui só nascem crianças.

*

— Estou desolado por a minha galinha lhe ter esgravatado as flores.

— Oh! não faça caso. O meu cão encarregou-se de comer a sua galinha.

— Então está tudo certo. Esmaguei mesmo agora o seu cão com o meu carro...

LÓGICA INFANTIL

Entre um professor e um aluno: — Professor: — De onde vem a electricidade?

— Aluno: — Do Jardim Zoológico.

— Professor: — Porquê?

— Aluno: — Porque quando falta a luz lá em casa o meu pai diz: «aqueles camelos» nunca mais arranjam a luz.

FUTEBOL EM CASA

O filho do árbitro para a mãe: — Em vez de discutires com o papá, devias é mostrar-lhe logo o «cartão vermelho».

DEPOIS DE CASADOS

— Que tal se dá você com a sua muher?

— Enquanto namorámos, a minha mulher falava e eu ouvia;

— Após o casamento falava eu e ela ouvia;

— Agora falamos ambos e os vizinhos ouvem.



DITADOS DO POVO

Assim como vires o tempo de Santa Luzia ao Natal, assim estará o ano e mês até final.

Natal a assoalhar e Páscoa ao mar.

Noite de Natal estrelada da alegria ao rico e promete fartura ao pobre.

Em Dezembro treme o frio e cada membro.

Dias pelo Natal são saltos de pardal.

Mal vai a Portugal se não há três cheias antes do Natal!

Adeus, amigos,

MUITO BOAS FESTAS E UM FELIZ NATAL é o que vos deseja o

ZÉ DA HORTA

NATAL

(Continuação da pág. 1)

O Natal veio dar um sentido novo à tua vida.

Com o nascimento de Jesus, nasceu o Amor no mundo. Foi uma explosão tão intensa que nunca mais se apagará. Não passes o Natal sozinho, sem amor. Mas sim: tu, o teu irmão e Ele.

Senhor! ilumina o meu coração para eu Te descobrir encarnado em cada irmão.

FELIZ NATAL A TODOS OS AMIGOS E LEITORES DO NOSSO JORNAL.

JU VEN TU DE —76

OS DOMÍNIOS DA IMAGINAÇÃO

Vamos hoje falar-vos da imaginação, mas não queremos referir-nos ao poder do espírito que vos leva a evocar simplesmente imagens de objectos. Não é à imaginação reprodutora que pretendemos referir-nos, mas sim àquele trabalho activo do espírito que cria, por assim dizer, algo de novo, e a que, com razão e lógica, se denomina IMAGINAÇÃO CRIADORA.

Ninguém duvida da imaginação criadora. Sem ela, não teriam sido possíveis o aparecimento dos grandes inventos da ciência; das obras primas de literatura, da pintura, da música, da arquitectura e da engenharia; não

teria sido possível o aparecimento da técnica que levou o homem a desintegrar o átomo e a viajar até à Lua.

Realmente o que de grande, tanto de bem como de mal, se tem realizado no mundo, tem sido fruto da imaginação criadora. É ela que caracteriza o génio. Ela é o grande motor do progresso que existe hoje e uma das qualidades fundamentais do êxito.

Sem imaginação criadora haveria miséria, rotina, estagnação!

Na nossa própria vida (desde o lar até ao minimundo da nossa rua, lugar, bairro) a imaginação exerce a sua acção.

Contudo, cuidado! Muitas vezes a tão útil imaginação criadora pode converter-se em perigosa imaginação sonhadora. Quantas pessoas, nos mais diversos lugares onde se encontram, estão sempre imaginando algo de novo, de extraordinário. É

com todo o entusiasmo que expõem os seus planos e projectos, planos e projectos esses a que atribuem os mais maravilhosos resultados e que, muitas vezes, não passam de simples sonhos. Em vez de tal imaginação não lhes seria mais útil uma dose razoável de bom senso?

Um outro perigo da imaginação criadora é poder-se converter em imaginação deformadora. Partindo de princípios errados, elabora os mais inconcebíveis mentais, autêntico suplício para quem tenha de sofrer as suas manifestações. Malebranche apelidou esta imaginação de «la folle du logis» — a doida da casa. Quando incontrolada pode levar a vítima para «fronteiras» de autênticos estados mórbidos.

Cultivar a imaginação criadora? Sim! Mas, cautela!, nunca deixemos que ela ultrapasse os limites da utilidade. JORGE PEDRO

EDITORIAL

BENVINDO SEJAS AO TEU JORNAL!

Enfim conseguimos aquilo que por tanto lutámos: Fazer renascer a «Página da Juventude»!

Depois de tantas incertezas, de tantas dúvidas, é-nos subejamente grato ter uma secção aonde os jovens escrevem para os jovens.

Num número atrás tínhamos lançado o repto; Hoje «entramos em campo». Quem quer pertencer à nossa equipa?

TU, que sabes ler e escrever;
TU, que és (ou pretendes ser) jovem;

TU, que não queres que te chamem incapaz;

TU, que não estás satisfeito contigo mesmo;

TU, que te queres valorizar mais;

TU, que queres ser mais do que o «DEZ»;

TU, que estás insatisfeito com o teu negativismo;

TU, que queres comunicar com os outros;

TU, que lutas por um ideal;

TU, que me lês neste momento, conta com a nossa boa vontade e ajuda e Participa naquilo que é teu.

Sal do teu comodismo, da tua indiferença e manda-nos os teus trabalhos. Não tenhas medo que digam que o teu trabalho é fraco. Fracos são aqueles que não participam por comodismo, por indiferença, mas que exigem muito. São fracos de espírito e de corpo. Bem vindo sejas ao teu jornal!

ANSEIO...



Quando eu era criança
tinha um mundo imenso,
circular.
Olhava em todas as direcções
e tudo era meu, até ao horizonte;
para lá dele,
nada existia, para mim;
e, se algo existia, ignorava-o,
ou não o acreditava;
ou melhor:
não o ambicionava.

Por isso, eu cantava, corria, brincava
em toda aquela extensão.
comia frutos de várias espécies,
frutos que eu não roubava,
porque era criança
e não pecava.
Sentia que todo aquele mundo era meu
e das outras crianças.

Mas, agora, que cresci,
deixei o meu mundo,
perdi-o,
para encontrar mundos tão estranhos
que não são meus
e peço
se comer dos seus frutos.

Quão difícil é voltar a ser criança
e regressar ao meu mundo!

Difícil é ser-se homem e criança,
ao mesmo tempo,
mas não impossível.

JOÃO JOSÉ

NOTA DO MÊS

O Natal aproxima-se...

Neste ano eclesial de 1976/77 que teve em 28 de Novembro, o primeiro domingo do Advento, o seu início, vamos ler S. Lucas como evangelista principal, nas missas de cada domingo.

Quem é S. Lucas?

Qual o seu objectivo, ao escrever o Evangelho?

Para penetrar mais profundamente no seu pensamento e viver mais conscientemente a mensagem alegre de salvação que nos apresenta, tentemos responder a estas duas perguntas.

1. São Lucas não conheceu pessoalmente Jesus Cristo. É o rosto do Ressuscitado, Senhor da Glória, transformando o seu mestre Paulo no caminho de Damasco, que o impressiona antes de mais.

A sua fé de convertido, guiando o seu olhar de historiador, faz-lhe descobrir Jesus Cristo no bebé de Belém, no adolescente que fica no Templo aos doze anos, no profeta que caminha para Jerusalém, onde o espera o martírio.

Lucas fica atónito perante esta maravilhosa humanidade de Deus que se comove diante de uma mãe que acaba de perder o seu filho, que é o amigo dos pecadores de quem todos fogem, das mulheres que são desprezadas, das crianças escuraçadas à pancada.

Em todo o seu Evangelho irradia a grande alegria de Deus, a alegria de salvar todos os homens.

Uma alegria tremenda ex-gente:

Não é possível descobrir que se é assim amado, sem se sentir obrigado a responder com um amor que comprometa toda a vida.

S. Lucas é um historiador que ordena e data os factos (Lc. 1,3; 2,1-2; 3, 1-2); que escreve com arte e beleza (Lc. 2-1 sgs.; 10, 30-37; 24, 13-35); que mostra um coração de extrema delicadeza (Lc. 7, 11-17).

Mais ainda, S. Lucas é um crente, um discípulo que encontrou a salvação em Jesus e que não quer senão segui-Lo.

A UM VELHO CASTELO

(Recordação poética dum não menos poético castelo)

Ó meu Pombal!
Se o teu castelo falasse
E um dia nos contasse
O que tem visto ao luar.
Há tantos e tantos anos
De tão remotos enganos,
Muito tinha que contar

Do castelo de Pombal
Vejo Pombal tão branquinho
Vejo as torres do Cardal
E as pombas fazendo ninho.

Anthony Lawrence (1968)

Os caminhos do amor

Vamos reconciliar cada irmão
Na família do Senhor,
Levar o mundo de volta para o Pai
E ensinar os caminhos do Amor.

Onde houver discórdias levaremos Paz:
Pois nossa meta é reconciliar!
Faremos maravilhas que só quem ama faz:
Pois nossa meta é reconciliar!

Jovens e adultos irão dialogar
Pois nossa meta é reconciliar!
E todas as famílias no Amor vão caminhar,
Pois nossa meta é reconciliar!

Parentes e amigos em Paz vão-se encontrar
Pois nossa meta é reconciliar!
Seremos Povo unido diante do Altar
Pois nossa meta é reconciliar!

Os laços rompidos iremos reatar,
Pois nossa meta é reconciliar!
Um povo mais sincero iremos preparar,
Pois nossa meta é reconciliar!

De Cristo Jesus ao irmão vamos falar,
Pois nossa meta é reconciliar!
Na paz, na Alegria, iremos caminhar,
Pois nossa meta é reconciliar!

P. ZÉZINHO